



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA  
FACULDADE DE HISTÓRIA**

**RAFAEL LEAL SANTOS**

**O ENSINO DE HISTÓRIA E A EDUCAÇÃO INDÍGENA: Desafios  
e Possibilidades Durante a Pandemia da Covid-19 na Escola  
Municipal Indígena Kokokangroti em Altamira-PA.**

**ANANINDEUA-PA  
2022**

**RAFAEL LEAL SANTOS**

**O ENSINO DE HISTÓRIA E A EDUCAÇÃO INDÍGENA: Desafios e Possibilidades Durante Pandemia da Covid-19 na Escola Municipal Indígena Kokokangroti em Altamira-PA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História do Campus de Ananindeua, Universidade Federal do Pará, para obtenção do Grau de Licenciatura em História.

**Orientador:** Prof. Dr. Wellington Alvarez

**ANANINDEUA-PA  
2022**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus por me conceder saúde e forças mediante a diversas dificuldades em que me encontrei durante a graduação. Aos meus pais que apoiaram e me ajudaram em muitos momentos difíceis! Agradeço as políticas públicas de ensino superior (cotas e auxílio permanência) pois foram de suma importância para a minha ingresso e conclusão do curso. Agradeço também a secretaria Municipal de Educação de Altamira pela oportunidade de fazer parte do corpo pedagógico na educação indígena, a qual teve grande importância para o desenvolvimento da minha pesquisa na comunidade indígena Potikro, localizado no município de Anapu-PA. E também gostaria de agradecer, ao meu orientador Prof. Dr. Wellington Alvarez, pela paciência, pelo tempo e por todo apoio, o meu muito obrigado!

# **O ENSINO DE HISTÓRIA E A EDUCAÇÃO INDÍGENA: Desafios e Possibilidades Durante a Pandemia da Covid-19 na Escola Municipal Indígena Kokokangroti em Altamira-PA.**

**Rafael Leal Santos**  
Universidade Federal do Pará,  
Faculdade de Historia,  
Ananindeua, PA, Brasil  
Rafalealsantos2@gmail.com

## **RESUMO**

O ensino de história, a educação indígena e os desafios encontrados durante a pandemia da COVID-19 são questões a serem discutidas nesta pesquisa. Em vista disso, o objetivo deste trabalho é analisar os desafios da educação indígena, refletidas sobre as práticas educacionais no ensino de História do cotidiano escolar da escola Municipal indígena kokokangroti durante a pandemia da Covid-19. A pesquisa utiliza o método participante, vinculando-se à teoria-prática e ao pensamento-ação, por meio do planejamento e estratégias pedagógicas que inserem e ressignificam os conteúdos de história e cultura indígena. Onde o ensino de História deve ser fundamentado na cultura das comunidades indígenas, onde a educação escolar pode ser de grande relevância nesse processo, ou seja, um processo de disseminação e construção de conhecimento entre os povos. Diante disso, foi desenvolvida uma oficina com o tema: um olhar sobre a comunidade no ensino de história. Na qual, a cultura e resistência dos povos indígenas do médio Xingu deve ser vista e ouvida pelos próprios indígenas e pela sociedade.

**Palavras-chaves:** Educação indígena, Ensino de Historia, Pandemia da Covid-19.

## **ABSTRACT**

History teaching, indigenous education and the challenges encountered during the COVID-19 pandemic are issues to be discussed in this research. In view of this, the objective of this work is to analyze the challenges of indigenous education, reflected on the educational practices in the teaching of History of the daily school life of the Kokokangroti Municipal Indigenous School during the Covid-19 pandemic. The research uses the participant method, linking itself to theory-practice and thought-action, through planning and pedagogical strategies that insert and give new meaning to the contents of indigenous history and culture. Where the teaching of History must be based on the culture of indigenous communities, where school education can be of great relevance in this process, that is, a process of dissemination and construction of knowledge among peoples. In view of this, a workshop was developed with the theme: a look at the community in history teaching. In which, the culture and resistance of the indigenous peoples of the middle Xingu must be seen and heard by the indigenous people themselves and by society.

**Key Words:** Indigenous education, History teaching, Covid-19 pandemic.

## INTRODUÇÃO

O primeiro caso de COVID-19 identificado no Brasil foi ao final do mês de fevereiro de 2020 e no dia 11 de março do mesmo ano, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS<sup>1</sup> como uma pandemia e todos os setores foram atingidos negativamente por essa crise sanitária. Diante dessas notícias, as instituições escolares começaram a adotar medidas de distanciamento social, na tentativa de diminuir a propagação do novo corona vírus.

Estados e municípios decretaram, paralisação das aulas nas redes de ensino. Entretanto, as aulas e a educação não poderiam parar e para que isso não ocorresse, foram adotadas algumas alternativas como, por exemplo, o uso de aulas remotas, recursos impressos, plataformas online, rádio e TV, assim, dando continuidade as atividades escolares, medidas como estas, também foram adotadas pelas comunidades indígenas.

No entanto, para podermos compreender como o fator corona vírus alterou as interações sociais desses povos é importante destacar que antes da pandemia o modelo de ensino utilizado nas aldeias era diferenciado devido o seu modo de vida e cultura. Dessa forma, o aprendizado escolar sofreu um impacto maior do que das escolas citadinas, principalmente devido à distância entre alunos e professores, além da falta de recursos e suporte.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Indígena Kokokangroti, pertencente à Aldeia Potikro, zona rural do município de Anapu -PA. É importante destacar que o município de Altamira, mais especificamente a região do Médio Xingu, é ocupado por nove etnias indígenas, na qual a escola/campo desta pesquisa faz parte da etnia Xikrin, etnia essa sendo nativa que ainda vive em aldeia. Entretanto, é relevante salientar que outras etnias, como os Xukuru, Guarani, Guajajara, Xavante e Kanela, dentre outras, residem na cidade.

É importante ressaltar que muitas crianças da região de Altamira que estão crescendo ou até mesmos os adultos, que compreendem o Rio Xingu e a Transamazônica, possuem conhecimento de relatos e histórias negativas sobre os indígenas, como perigosos, preguiçosos ou sem futuro. Sabemos que esse

---

<sup>1</sup> A Organização Mundial da Saúde (OMS) é a agência especializada em saúde pública, subordinada à Organização das Nações Unidas (ONU).

pensamento tem cunho ideológico e até mesmo político, uma vez que a história tem muitas falhas, porém o seu ensino pode ser mudado.

O ensino de história, por exemplo, deve ser fundamentado na cultura das comunidades indígenas, onde a educação escolar pode ser de grande relevância nesse processo, ou seja, um processo de disseminação e construção de conhecimento entre os povos.

A história ainda é ensinada nas aldeias da mesma forma que a das áreas citadinas, utilizando a colonização europeia como uma ação libertadora a esses povos, que pela visão dos colonizadores ainda possuíam uma idealização marginalizada e que remete os indígenas a um povo que precisa ser civilizado.

A escolarização indígena na maioria das vezes refere-se ao conhecimento transmitido e produzido por meio das escolas como instituições criadas pelos europeus com o propósito de aprofundar o processo de colonização, entre os grupos indígenas. E o ensino de história, que sempre teve uma visão voltada ao eurocentrismo, não evidenciava as lutas dos povos indígenas e nem mostrava suas contribuições sociais e culturais, não só para o próprio povo indígena, mas para a sociedade.

Sendo assim, abordaremos a questão da educação indígena e os desafios no ensino de História durante pandemia da COVID-19. Logo, se faz necessário que haja essa abordagem que vise entender como o indígena se vê perante a história que lhe é ensinada em sala de aula.

Desta forma, o objetivo geral da pesquisa consiste em analisar se o ensino de história está acontecendo de forma específica, atendendo as expectativas da comunidade. No que tange aos objetivos específicos, estes apontam no sentido de: a) Verificar os principais problemas causados pelo novo corona vírus na educação escolar indígena; b) analisar o ensino de História na educação escolar indígena; c) Avaliar o desenvolvimento dos alunos da Escola Municipal indígena kokokangroti nos aspectos críticos da oficina proposta, estimulando sua reflexão sobre o ensino de história em sala de aula. Este artigo visa, portanto, propor alguns elementos para refletir e questionar como a história indígena é ensinada, através do papel da diversidade, do ensino e do conhecimento cultural.

## METODOLOGIA

O desenvolvimento do trabalho se deu a partir de pesquisas bibliográficas e de campo. Na pesquisa bibliográfica foram utilizadas obras de teóricos como; Pinsky (2004), Gonçalves; Mello (2009), Silva (2012), Vecchia; Seco (2020), Nobre; Vecchia (2020) entre outros, que tratam sobre, ensino de história, educação e ensino escolar indígena, abordando questões como formação da consciência da cidadania, reformulações de estratégias de resistência de culturas, aquisição de conhecimentos novos e propostas relacionadas à educação escolar indígena.

O estudo aqui apresentado tem como método, o materialismo histórico e dialético, tendo como perspectiva teórico-metodológica compreende o homem como um sujeito ativo, social e histórico, em constante interação com seu meio.

A pesquisa é tipo qualitativa, pois exige um estudo amplo do objeto de pesquisa, que no caso é a educação indígena e os desafios no ensino de história durante pandemia da COVID-19. Vista disso, tivemos a realização do trabalho de campo, para executar e coleta dados através da prática metodológica.

A área de estudo escolhida para a realização deste trabalho foi a Escola Municipal indígena kokokangroti, localizada na zona rural de Anapu-Pa, porém pertencente ao município de Altamira-Pa. Na pesquisa de campo, foi realizada, a oficina com o tema: *um olhar sobre a comunidade no ensino de história*, tendo como título: *fortalecendo a cultura*.

No sentido, de contribuir para a compreensão da vivência do espaço percebido pelas práticas históricas, com o auxílio da cartografia social em sala de aula atrelada à questão do isolamento social e o seu processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, o trabalho também se estrutura em apresentar a posição de alguns teóricos que discutem a questão da pandemia, os desafios e suas perspectivas na educação escolar indígena, diante o distanciamento social. Em seguida, são abordados temas sobre o ensino de história na educação escolar indígenas, práticas e propostas para um ensino-aprendizagem condizentes com suas culturas.

Para mais, caracteriza-se a área de estudo, envolvendo a descrição da Escola Municipal Indígena Kokokangroti e a metodologia utilizada no ensino de

história como potencializado de conhecimento dos alunos/sujeitos participantes. Por fim, são apontados os desafios encontrados no ensino de história da educação escolar indígena e alternativas para amenizar ou solucionar o problema em questão.

Busca-se, portanto, no presente trabalho, estudar acerca da educação escolar indígena em tempos de pandemia, justificando-se por compreender que, trazer discussões acadêmicas acerca dessa temática, colabora com a sociedade para entenderem a importância dos povos indígenas e de suas culturas englobadas no cotidiano escolar, uma vez que se tornaram necessárias pesquisas sobre grupos minoritários que vivenciam cotidianamente o descaso do estado e de seus direitos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Nesses últimos anos a educação brasileira vem passando por várias mudanças, desde a aprovação da nova BNCC<sup>2</sup> para a educação básica até a, apresentação do novo ensino médio. Diante de tantas mudanças no cenário educacional, a crise sanitária decorrente da Covid-19 causou uma nova adaptação do ensino, gerando obstáculos e desafios pertinentes as práticas educativas.

A desigualdade de oferta de ensino, a falta de condições (sócias, técnicas, psicológicas, etc.) dos alunos, a falta de preparo dos professores em EaD, a discrepância na oferta de ensino público e privado, a intensificação da invisibilidade dos povos tradicionais e o distanciamento social são alguns dos desafios que se intensificaram durante a pandemia.

A educação Indígena brasileira enfrenta inúmeras dificuldades para garantir uma educação de qualidade aos alunos indígenas em condições de igualdade com outras modalidades educacionais não indígenas, porem com a chegada do novo corona vírus a educação se tornou algo mais desafiador para esses povos, provocando não somente o colapso na saúde como também na educação.

Oliveira (2021) ressalta que:

Diante dessa contestação, foi elaborado o Plano de Enfrentamento da Covid-19 para Povos Indígenas, através do Ministério da Justiça e Segurança Pública. Conforme o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), o

---

<sup>2</sup> Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Fonte: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> acessado 09/05/2022

plano de enfrentamento em pauta, até maio de 2021 e só vacinou 46% da população indígena do Brasil. Como consequência, as aulas presenciais foram suspensas nas escolas indígenas em todo país e centenas de estudantes indígenas ficaram sem aulas e/ou tentando estudar remotamente através das tecnologias de informação e comunicação (OLIVEIRA, 2021).

As dinâmicas de uma escola indígena diferem das demais, devido às turmas em sua maioria serem multisseriadas, surgindo a necessidade de se trabalhar com os alunos da forma mais lúdica possível. E o principal objetivo de se trabalhar dessa maneira é dar a eles as melhores oportunidades, de aprender a partir da observação do seu cotidiano, partindo de suas vivências.

Devido à pandemia, tudo mudou e o novo corona vírus trouxe novos cenários aos territórios indígenas, afetando significativamente a aprendizagem desses alunos, pois muitos não têm base familiar alfabetizada, tempo ou paciência para colaborar com sua educação, perante essas circunstâncias, a educação indígena teve suas dificuldades aumentadas, no que concerne ao processo de ensino e aprendizagem.

Contudo, a proposta de solução viável para esse momento foi à continuidade do ensino por meio do acesso remoto. No caso das comunidades indígenas da Escola Municipal Indígena Kokokangroti, o principal recurso usado foi à elaboração de atividades impressas, entregues na secretaria da escola, a qual era responsável pela distribuição do material para os alunos.

Para garantir que eles tivessem acesso às atividades, como já mencionando anteriormente, a entrega de cópias impressas do material referentes aos assuntos das disciplinas foi de extrema importância nesse processo, uma vez que nem todo aluno indígena tem computador em casa ou um celular. Os alunos das escolas citadinas sentiram um impacto muito grande nesse sentido, os alunos indígenas sentiram esses impactos de uma forma muito mais intensa.

Durante a pandemia os estudantes foram avaliados de acordo com suas participações nas atividades, ou seja, se fazem e acertam, são avaliados, isso vale também caso resolvam fora do contexto, pois também serão avaliados. É importante enfatizar que todas as avaliações são adaptadas à realidade de cada escola.

Segundo Vieira; Seco (2020):

A maioria dos trabalhos selecionados aborda os impactos e os desafios impostos aos professores e estudantes pela suspensão das aulas presenciais. O maior desafio da educação brasileira passou a ser a adequação ao novo cenário imposto pela pandemia, em razão das medidas emergenciais adotadas pelos governantes e dirigentes escolares,

nomeadamente, a adoção do ensino remoto nas escolas. (VIEIRA; SECO, 2020).

As inclusões digitais nas escolas públicas citadinas constituem um grande desafio, nas escolas indígenas esse desafio é ainda maior. O que nos leva a pensar que o ensino remoto fez com que professores e estudantes se reinventassem para superar os empecilhos dessa nova realidade, pois não estavam preparados para lidar com esse tipo de situação. É possível identificar que o ensino remoto é um desafio cercado por grandes problemas, ou seja, para as escolas indígenas localizadas nas aldeias as dimensões são incalculáveis.

Para Vieira; Seco (2020):

Ainda é cedo para avaliar a totalidade dos impactos, retrocessos e progressos na educação em função das medidas adotadas neste período da pandemia, mas certamente, tem sido de muito aprendizado para a comunidade escolar, no sentido de novas perspectivas educacionais em todos os níveis de ensino (VIEIRA; SECO, 2020).

Desta forma, a chegada da pandemia, provocou transformações em todos os setores da sociedade, precisando se reinventar e encontrar alternativas eficazes para que o desenvolvimento alcançado não cessasse. Foi preciso, repensar a concepção de aprendizagem e suas ações pedagógicas, além de precisar incentivar a tendência do ensino remoto aliado ao ensino presencial em prol de uma educação transformadora e de qualidade.

Conforme o artigo 205 da Constituição Federal de 1988, a educação é um direito de todos e dever do Estado. As práticas educativas e igualitárias são condições necessárias no desenvolvimento da liberdade de apreender, ensinar, pesquisar e divulgar os pensamentos, a arte e o saber (BRASIL, 1988).

No Brasil, a Constituição Federal (CF) de 1988 garantiu aos povos indígenas seus direitos individuais, sociais, educacionais, civis, políticos, coletivos e específicos. Nessa perspectiva, a educação indígena não deve ser vista como algo homogêneo, pois a diversidade dos povos indígenas no Brasil é tão grande que existem diversas culturas, línguas e tradições distintas, que exigem processos de construção de currículos específicos e interculturais. (NOBRE; VECCHIA; OLIVEIRA, 2020).

De acordo com Gonçalves e Mello (2009) a educação indígena se caracteriza pelos processos tradicionais de aprendizagem e a obtenção de conhecimento específico de cada etnia, através dos rituais e dos mitos. Ou seja, as abordagens

devem ser elaboradas de forma transversal e interdisciplinar, colaborando, assim, na construção de conhecimentos que respeitem os espaços e que valorizem as culturas de cada um dos povos indígenas.

Segundo Oliveira (2021):

A instauração da Lei de Diretrizes de Base da Educação (LDB) de 1996 propõe a população indígena o direito a uma educação multicultural, específica para cada grupo indígena. A LDB levou a uma alteração de responsabilidades na condução da oferta de programas educacionais indígenas, estabelecendo como dever do Estado brasileiro assegurar aos povos indígenas uma educação intercultural e bilíngue (OLIVEIRA, 2021).

Embora tenha sido realizadas mudanças pela LDB para a educação Indígena, é importante destacar que as aldeias possuem características únicas, a transmissão de conhecimento dos mais velhos aos mais novos é umas delas. O conhecimento e a sabedoria dos mais velhos tem um grande valor educacional dentro dessas comunidades, assim, a educação Indígena tem assumido novas configurações educacionais (GONÇALVES e MELLO, 2009, p.2).

E essas novas configurações se tornam um desafio entre a formação de professores e a construção de currículos integrados e interculturais. Necessitando, assim, de uma abordagem inovadora de mediação entre os conceitos integradores de cada área do conhecimento. Entendemos que, todos esses processos de formação de professores, elaboração de propostas curriculares de ensino, produção de material didático bilíngue e diagnóstico sociocultural, converge enquanto produção de currículo. (NOBRE; VECCHIA; OLIVEIRA, 2020).

E esse território discutido que é o currículo, inúmeras decisões de caráter político tem que ser tomadas, pois a educação indígena deve uni o currículo escolar e os conhecimentos culturais presentes no cotidiano dos indígenas nas perspectivas educacionais. Não basta ter uma escola com nome indígena para se garantir uma educação escolar de qualidade e transformadora, se o currículo e as práticas pedagógicas são reprodutores de uma concepção de sociedade colonizadora.

A valorização da sua própria história no ensino indígena é fundamental, onde a identidade e diferença são conceitos integradores que constituem um dos fundamentos do currículo e do ensino de História. É nesse processo que o ensino de história com as populações indígenas deve ter uma abordagem integradora, pois os indígenas observam o mundo de uma maneira diferente e a ele atribuem significados diversos que não seguem os padrões coloniais.

Nesse sentido, Nobre (2019, p. 197) afirma que “entende-se a cultura como aquela que permite conhecer os conjuntos de significados que os homens conferiram à sua realidade para explicar o mundo”. Em muitos casos é comum que o “homem branco” pense que as sociedades indígenas pertencem a uma só cultura, classificando-os em um único *status*, o de “índios”.

No entanto, como já mencionado, cada etnia indígena possui sua cultura, tradição, religião e língua e isso ressignifica o ensino-aprendizagem na educação indígena. Na escola, o uso de instrumentos pedagógicos que envolvem essa ressignificação, apoia o ensino de História com as populações indígenas.

Seguindo as investigações sobre o saber histórico da escola e o saber histórico tradicional de cada cultura, é visto que cada comunidade indígena tem suas próprias maneiras de ensinar, isto é “o ensino de História para as populações indígenas pode contribuir no reconhecimento dos indígenas à sua história e identidade” (NOBRE; VECCHIA; OLIVEIRA, 2020).

Os povos indígenas, por muitos anos, foram omitidos da História do Brasil, citados nos livros como algo generalizado. No entanto, é importante mostrar aos alunos indígenas sua participação na construção da sociedade nacional e o desenvolvimento de suas próprias histórias como população oprimida.

Em vista disso, o lugar histórico ocupado pelos indígenas tem contribuído e ainda contribui na desconstrução da sua imagem, levando etnias a negarem suas histórias e se envergonharem de suas identidades. Deve-se, então, superar a visão eurocêntrica colonialista sobre os povos indígenas em sala de aula, para substituí-la por uma abordagem crítica, onde a ignorância generalizada contra esses povos desapareça.

Para mais, como afirmam Nobre, Vecchia e Oliveira (2020):

Incorporar a construção da identidade nas propostas educacionais para o ensino de História merece, portanto, um tratamento capaz de estabelecer a relação entre o particular e o geral, quer se trate do indivíduo, sua ação e papel nas aldeias, quer se trate dos grupos indígenas em suas relações interétnicas e com a sociedade nacional. (NOBRE; VECCHIA; OLIVEIRA, 2020).

É notória a existência de um atraso histórico em relação às demandas por políticas públicas em educação escolar indígena. É fundamental que esse cenário se transforme e possa trazer novos caminhos para uma educação igualitária pra todos,

onde os próprios indígenas alcancem a oportunidade de se tornarem professores para contribuir com o saber em suas comunidades.

Ensinando aos alunos a olharem para sua história de maneira crítica e não oferecendo um ensino reproduzido por um olhar do “branco europeu”, tornando o ensino de História um trabalho que leve os alunos a reconhecerem suas identidades e a sua importância histórica. Precisamos continuar lutando para alcançar a efetivação de políticas públicas, capazes de agregar na educação escolar indígena para que no futuro tenhamos um período diferente na história.

Para que os indígenas conquistem espaço e respeito sobre seus direitos. E a sociedade brasileira, através dessas informações, passe a refletir sobre a diversidade e pluralidade sociocultural expressada pelos povos indígenas em diferentes contextos históricos. Lembrando que essas conquistas exigem posturas e medidas governamentais, contribuindo, assim, para a criação de novas políticas públicas que protejam, respeitem e identifiquem essas diferenças.

É importante destacar que essas exigências devem ser feitas através da contribuição de especialistas que entendam sobre as perspectivas indígenas, além da própria participação do índio nesse contexto. Atuando como principal sujeito na produção de planejamento de conteúdo e material para todos os níveis de ensino, desde as universidades até as escolas de níveis estaduais e municipais.

Os indígenas possuem expressões próprias que podem contribuir para a nossa sociedade. Devemos repensar o que ensinar nas escolas sobre esses povos, pois os indígenas também são atores sociais em nosso país, exigindo novas reflexões, olhares e pesquisas, onde o preconceito e a desinformação sejam extintos e situações desconfortáveis desapareçam, para enfim alcançamos a igualdade para todos.

Entendemos que as identidades e expressões socioculturais começam a ser reconhecidas e respeitadas. Dessa forma, as políticas públicas devem ser discutidas, elaboradas e examinadas como resposta às demandas por direitos sociais específicos e diferenciados, reconhecendo formalmente a diversidade e a pluralidade étnico-cultural da sociedade brasileira. (SILVA, p.218, 2012)

A constituição de 1988 e a LDB de 1996 são passos importantes na formulação de princípios gerais, visando uma educação diferenciada, bilíngue e intercultural. Tendo como apoio básico a legislação produzida nos últimos anos, a

educação indígena, caracterizando-se como um avanço significativo para esses povos, trazendo reflexões sobre as práticas pedagógicas, contribuindo na ampliação da educação e possibilitando acesso ao conhecimento para todas as crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Além disso, a importância e a participação do professor indígena nesse processo são fundamentais, pois é envolvida a questão das diferenças culturais, uma vez que, existem várias etnias e cada uma tem o seu modo de observar o mundo como já mencionando anteriormente. Dessa forma, a educação indígena é reconhecida por sua identidade específica, tendo como foco de atenção especial o melhor desenvolvimento do ensino aprendizagem dessas comunidades.

Atividades ao ar livre, pinturas corporais, danças e observação do espaço, são algumas alternativas pedagógicas para se trabalhar em aldeias indígenas, pois os aproxima a sua cultura. Entretanto, com a chegada da pandemia, essas atividades não foram mais praticadas, devido o isolamento social, *in loco*, para que os alunos não ficassem sem aula, uma das alternativas encontrada para amenizar o problema foi à implantação de atividades remotas feitas a entregue de material impresso, com objetivo de manter os alunos indígenas em contato com os conteúdos escolares.

Em vista disso, diferente das escolas citadinas, os alunos das escolas indígenas não têm e nem tiveram acesso a recursos tecnológicos aliados para o planejamento de atividades dinâmicas, mesmo que ainda em isolamento social. Onde, plataformas digitais, como WhatsApp, Google Meet e Google Classroom, no momento são recursos distantes da escola/campo.

Ademais, é importante ressaltar que a secretaria de educação de Altamira-PA, confirmou a entrega de material impresso, porém os alunos indígenas relataram que não tiveram acesso a esse material, ou seja, a falta de suporte da escola e a ausência do professor acabaram prejudicando os alunos, onde ficaram sem realizar suas atividades, infelizmente esse fator foi um dos principais problemas enfrentado por eles.

Segundo Pinho, Silva e Rodrigues (2022):

O processo educativo foi modificado pela adaptação dos docentes e discentes, por meio de diversos programas, aplicativos e ferramentas digitais que passaram a ser utilizados no processo de ensino e aprendizagem. O ensino remoto apresenta uma perspectiva desafiadora para as práticas docentes: lidar com as imprevisibilidades do cotidiano, com os limites

impostos no desenvolvimento de atividades escolares, visando a uma educação universal, de qualidade, para a alteridade, o que nos tem compelido a (re)aprender e (re) inventar novas formas de ensino (PINHO; SILVA; RODRIGUES, 2022).

Desta forma, a docência pode ser entendida como uma prática social. E entender que é um objeto de estudo que investiga muitas formas e configurações, pois a aula é um encontro, sempre nos surpreendendo com as diferentes situações e emergências.

Nota-se que o ensino é uma prática social bastante complexa, transformada pela ação e relação entre sujeitos, em contextos diversos, em vista disso, a escola municipal Indígena kokokangroti da aldeia Potikro da etnia Xikrin, escola/campo, localizada na zona rural de Anapu-PA, porém pertencente ao município de Altamira-PA, foi escolhida para as intervenções pedagógicas, onde a didática utilizada ocorreu, pós-isolamento social da pandemia do Covid-19, com o diagnóstico da pesquisa.

A atividade proposta foi realizada, nos dias 12/09/2022 a 16/09/2022, com as turmas dos 8.º e 9.º ano do ensino fundamental maior, na qual foi desenvolvida uma oficina com o tema “*um olhar sobre a comunidade no ensino de história*” e tendo como título “*fortalecendo a cultura*”.

Além da contribuição para o saber dos alunos indígenas, a oficina também colabora com o plano de trabalho avaliativo do professor de história, no qual contribui tanto no ensinar como também no aprender. E esse tipo de atividade acaba rompendo com o tradicionalismo da sala de aula, no que concerne a prática pedagógica para indígena, uma vez que essa dinâmica tinha por objetivo inserir os alunos como agentes participativos e históricos para o conteúdo abordado.

Assim sendo, a oficina ocorreu durante uma semana, contabilizada na lógica do sistema modular equivalente a um bimestre da disciplina de história. Portanto, será descrito o que foi realizado e abordando durante esse período, que contou com a participação do 2º cacique, onde sua colaboração foi de suma importância no desenvolvimento da oficina.

No dia 12/09/2022, deu-se início a oficina “*fortalecendo a cultura*”, a primeira atividade proposta foi uma roda de conversa com as turmas participantes (8.º e 9.º ano) que contou com a participação do segundo Cacique Bep Pumuhnti Juruna, onde abordou o tema: impactos marcantes que ocorreram na aldeia Potikro.

Segundo seus relatos, o primeiro impacto na aldeia Potikro surgiu com a construção de uma estrada que dava acesso à aldeia, o que lhe trouxe preocupação, pois temia que sua abertura facilitasse visitas de Kuben (não indígenas) a comunidade. Além disso, ressalta que a Norte energia<sup>3</sup> trouxe prejuízos a comunidade, destacando a seca do rio e escassez de animais que eram utilizados como fator principal de mantimento para a comunidade.

Segue um trecho do relato do Bep Pumuhnti Juruna:

*“cheguei aqui em 1987, a cultura era bem viva do povo xikrin, não tinha estrada, era só pelo rio, não tinha fazenda, roupa, comida do kuben (não indígena). Sofremos impactos por causa da estrada, os jovens de hoje fugiram do controle, fica pra lá e pra cá. Mas melhorou também, antes as casas eram de palha, hoje temos escolas”.*

Relatos como esses de alguém que possui um papel de autoridade e sabedoria para aldeia, agregam no conhecimento e na importância da história de onde se pertence, pois o esse tipo de saber contribui de maneira significativa sobre o olhar das suas lutas e resistências e isso ressignifica a compreensão dos alunos e para as aulas de história.

No segundo dia seguimos com a mesma proposta, onde contamos com a presença de um dos anciões, chamado Bep Pudy xikrin que fala e entende pouco a Língua Portuguesa. Precisamos de um indígena que voluntariamente se dispôs a traduzir o que Bep Budy relatava, o ancião colaborou com uma abordagem relacionada a crenças e ritos da comunidade xikrin.

Enfatizou a história contada por seus ancestrais e a origem da humanidade, além de abordar questões relacionadas aos ritos que curam doenças de seus parentes (é o termo utilizados por eles a pessoas que habitam na comunidade) já que era titulado como pajé na aldeia, mas ressalta que com a vinda da igreja evangélica e a farmácia (unidade de saúde na comunidade indígena) fizeram que enfraquecesse a sua atividade na comunidade.

---

<sup>3</sup> A Norte Energia S.A. é responsável pela construção e operação da maior usina 100% brasileira: a Usina Hidrelétrica Belo Monte. Fonte: <https://www.norteenergiasa.com.br/pt-br/>.

**Figura 1** - Roda de conversa.

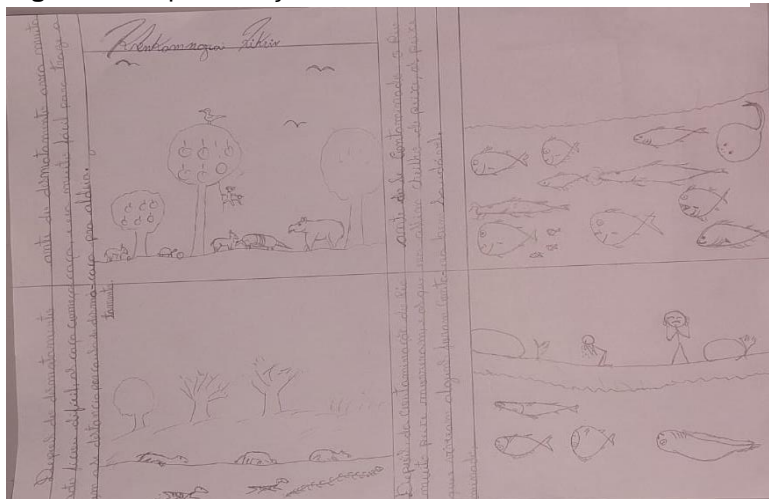


Fonte: O autor.

Diante disso, fica claro que a história existe na vida cotidiana e serve como um lembrete na condição de um agente transformador. Onde, as contribuições dos anciãos da aldeia colaboram para ensiná-lo, e passamos a conhecer o que os homens foram e fizeram para esses povos, e isso nos ajuda a entender as mudanças que aconteceram. Portanto, é necessário "reconstruir o passado", considerando as mudanças ocorridas no tempo.

No terceiro dia, trabalhamos a cartografia social com os alunos na sala de aula, uma vez que a cartografia social é um método de intervenção comunitária que possibilita a construção de um conhecimento integral sobre os territórios, articulado de forma participativa e transversal por meio da pesquisa-ação participativa, utilizando ferramentas específicas para a construção de mapas e iconografia (representações visuais de símbolos e imagens), mas seu foco principal é estimular a reflexão sobre a situação local a partir da perspectiva da própria comunidade, considerando aspecto macro e micro, bem como aspectos objetivos e subjetivos (TURRIANI, p.86, 2018).

**Figura 2** - Representação de um dos alunos.



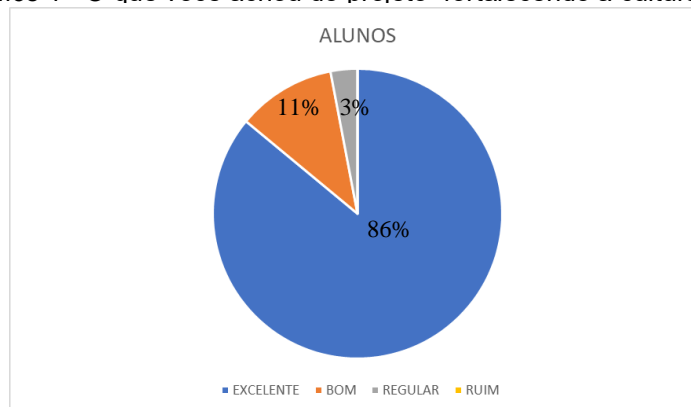
Fonte: O autor.

Nota-se que a presença de memórias afetivas, a sua cultura, valores, religião, se apresentam em um cenário visto e vivido, sendo a construção de referências de suas histórias, culturas e memórias, por isso, a atividade proposta apresenta a cartografia social como dispositivo didático, isto é, mapear nosso território e nossas emoções presentes relacionadas com os lugares deste território para podermos atuar sobre ele.

Seguindo com a oficina, no quarto dia, realizamos atividades de dança da cultura indígena xikrin e também, debatemos sobre os desenhos geométricos expostos à pintura corporal, uma vez que é as pinturas carregam uma história com uma ancestralidade e essa arte indígena está muito além do valor estético, ela obedece a preceitos mágicos simbólicos da comunidade que a representa.

Assim sendo, no quinto dia, finalizamos a oficina com um debate em sala de aula sobre o que aprendemos durante a semana. E para obter mais informações, elaboramos um questionário, que através dele foi possível observar, as respostas dos alunos/participantes sobre a metodologia de ensino de história abordada através da oficina, vista disso, os gráficos a seguir trazem essa representação e argumentação.

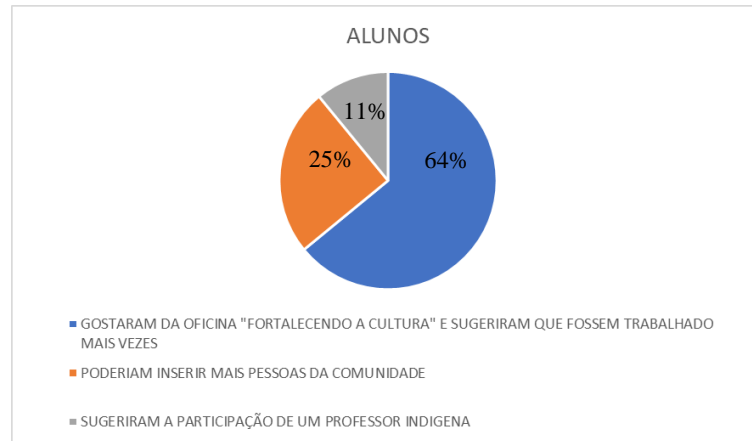
Gráfico 1 - O que você achou do projeto “fortalecendo a cultura?”.



Fonte: O autor (2022).

Nota-se que 86% dos alunos responderam que o projeto foi excelente, segundo eles a inovação da metodologia trouxe resultados satisfatórios, os 11% a aceitaram, porém, queriam mais representatividade, assim como os 3% que consideraram a oficina regular, pois para eles a participação dos mais velhos ou professores da própria aldeia os representaria e acrescentaria confiança.

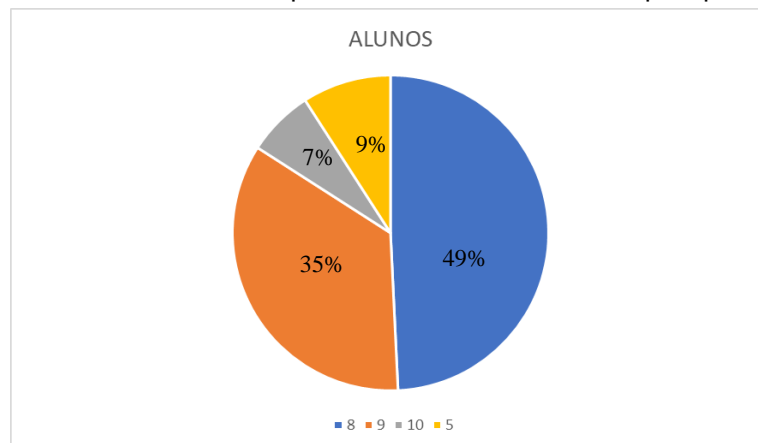
Gráfico 2 - de uma sugestão para um projeto que possa ser trabalhado dentro ou fora da sala de aula.



Fonte: O autor (2022).

Com 64% foi sugerido que a oficina, fosse trabalhada mais vezes, porém com temas diferentes como religiosidade e memória de antepassados. Os 25% sugeriram que pessoas da comunidade tivessem maior participação em projetos como esse, pois o conhecimento deve ser compartilhando com todos da comunidade e os 11% sugeriram a participação de professores indígenas, a representatividade e essencial para eles.

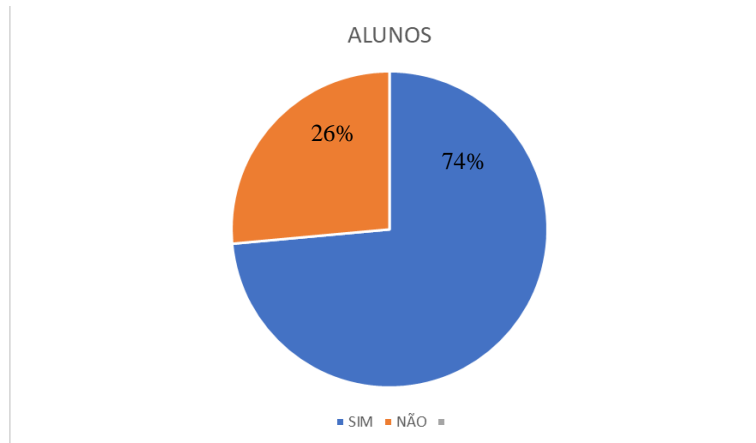
Gráfico 3 - de 0 a 10, avalie a disciplina de história administrada pelo professor em sala de aula.



Fonte: O autor (2022).

As notas 10, 9 e 8 foram dos alunos que consideram a disciplina e os conteúdos relevantes, que contribuem para seu aprendizado. Enquanto os avaliam com nota 5 se apresentam mais resistentes aos assuntos, pois qual o sentido de se aprender sobre "revolução francesa", o que querem aprender e ensinar, é o que os representa e o que acrescenta em cotidiano.

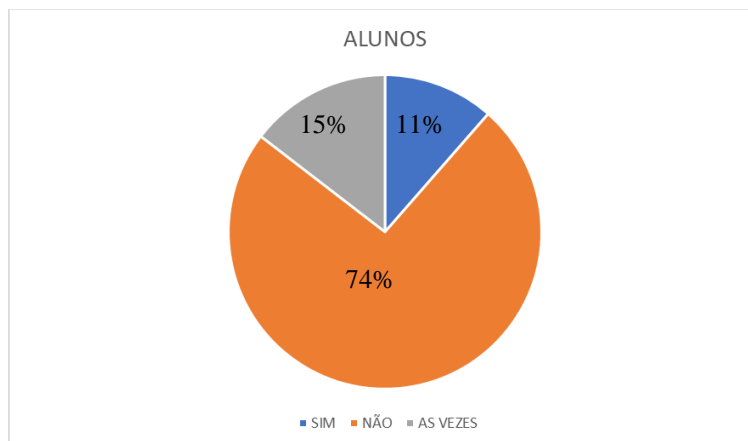
Gráfico 4 - você como o aluno indígena, se vê representado nas aulas de história do professor?



Fonte: O autor (2022).

Com 74% das respostas coletadas, afirmaram que se sentem representados, devido às abordagens do professor e sala de aula, pois a maioria dos assuntos é referente ao cotidiano dos alunos, contribuindo assim nas aulas de história os outros 26% se matem resistentes, pois um professor indígena é quem deveria ensiná-los.

Gráfico 5 - você, como aluno indígena se vê representado nos livros didáticos de história?



Fonte: O autor (2022).

Nota-se que 74% responderam que não, pois existem temas abordados nos livros didáticos que eles não consideram relevante. Enquanto 15% respondeu às vezes devidos ter uma ou outra informação sobre indígenas e 11% consideram-se representados.

Contudo, dentre as dificuldades que têm surgido no ensino da história indígena, as críticas mais destacadas nesses estudos referem-se à ausência e ao silêncio dos povos indígenas nos currículos escolares, sua condenação do passado refletida em muitos livros didáticos, a mitologia ou folclore, que cimenta a data de 19

de abril como o único momento reservado para a disciplina, e muitas vezes ocorrem por viés exótico, falta de material pedagógico atualizado e paradigmático, e falta de acesso aos professores; professores que já atuam em redes educacionais carecem de formação sobre o tema (BRINGMANN et al., 2021).

Em vista disso, o método de pesquisa elaborado foi planejado e executado, passando pelo processo de avaliação, onde verificamos com os alunos através dos dados coletados o que apreenderam durante a oficina “*fortalecendo a cultura*”, que tínhamos como objetivo sair do tradicionalismo e estudar as histórias de seus povos, com a finalidade de analisarmos os processos de transformação dos sujeitos envolvidos.

Para mais é importante considera o papel do professor no processo de mediação, onde programar novas prática de ensino é a oportunidade de se ampliar a capacidade dos seres humanos em seu desenvolvimento cognitivo e emocional, mesmo diante de uma prática pedagógica tímida e a crítica existente entre culturas, ou seja, a educação intercultural promove o desenvolvimento de habilidades e competências referentes à diferença, à peculiaridade e à diversidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa se propôs a tratar dos desafios da educação indígena, refletindo sobre as práticas educacionais no ensino de história do cotidiano escolar da escola Municipal indígena kokokangroti durante a pandemia da Covid-19. Diante das informações levantadas nesse estudo, verificou-se que durante a crise sanitária provocada pelo Coronavírus, a educação indígena sofreu impactos em seu sistema educacional, onde os alunos ficaram sem suporte pedagógico durante todo período de isolamento.

É importante ressaltar que, as políticas educacionais, na prática, não atingiram todos os lugares de forma igual e as comunidades indígenas são exemplo de descaso desse sistema. Devemos ter a consciência de que os povos indígenas fazem parte da nossa história e cultura, ou seja, não podemos deixar de ensinar a verdadeira história desses povos nas escolas, pois se não descolonizarmos essa história do Brasil, não estaremos livres da discriminação, do preconceito e do racismo.

E a percepção dos alunos indígenas é bastante excludente sobre sua representatividade nos livros didáticos e assuntos da disciplina de história, isto é, as informações presentes nesses livros e assuntos da disciplina, são noções pré-concebidas, fragmentadas e homogêneas de "indígena" e isso é fruto de um processo colonizador que historicamente vem disseminando que esses povos são bárbaros e preguiçosos.

Portanto, a intervenção pedagógica, proporcionada através da oficina, colaborou significativamente para o saber intercultural, ocorrendo assim, transformações nos sujeitos/alunos após estudar a história e cultura do seu povo, possibilitando reflexões resultantes em relevantes ressignificações no que diz respeito às suas concepções.

Desta forma, foi possível observar a mudança do olhar dos alunos, enquanto o conhecimento vai sendo produzido, a partir da produção de suas narrativas de desenhos, pinturas e danças. Nesse sentido, durante a investigação o processo educacional indígena sofreu com a falta de suporte pedagógico e gradualmente está se restabelecendo, apesar das severas transformações didático-metodológicas no âmbito educacional por consequência da pandemia da Covid-19.

E enfatizamos que a construção do saber pedagógico se dá não só pela pesquisa, mas também pela experiência da prática docente, por meio do que fazem, aprendem, refletem e se reestruturam para potencializar o trabalho docente. Onde, o principal desafio de se ensinar história aos alunos indígenas é a construção de uma relação permanente com a escola e a consolidação do diálogo entre diferentes culturas, permitindo outras lógicas históricas e a didática permeia as diferentes esferas das ações políticas, administrativas, econômicas e culturais. Os indígenas desejam ver suas histórias nos livros didáticos, em outras palavras, além de estudar os livros sobre assuntos indígenas publicados por não indígenas, devemos também ouvir os assuntos indígenas, ouvir suas histórias, entender as diferenças culturais de diferentes grupos étnicos e ler seus escritos.

Para ensinar tópicos indígenas em sala de aula, é importante estudar muito a história colonial e as tentativas de controlar o conhecimento indígena, a subjetividade, os corpos indígenas para compartilhar honestamente memórias, lutas e estética indígena. Eles querem que a abordagem histórica os valorize não de forma alegórica, mas como sujeitos ativos que são.

## REFERENCIAS

BRINGMANN, Sandor Fernando et al. **O ensino de história indígena através de narrativas indígenas: reflexões a partir da interculturalidade crítica e da decolonialidade**. Sobre Tudo: Do que é feita uma escola?, Santa Catarina, v. 12, n. 1, p. 55-89, 20 jul. 2021.

**CONSTITUIÇÃO FEDERAL DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**. Seção Que Pactua A Educação Como Direito de todos 1988. Disponível em: [http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/constituicao\\_educacao.pdf](http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/constituicao_educacao.pdf). Acesso em: 05 maio 2022.

Gonçalves, Emily; Mello, Fernanda. Educação Indígena. (2009) Disponível em: <http://estagiocewk.pbworks.com/f/emily+e+fernanda.pdf>. Acesso em: 03 maio 2022

NOBRE, Domingos (Org.) Proposta Curricular de Ensino de Língua Guarani. Ensino Fundamental I e II e Médio. Angra dos Reis. Mimeo. 2019

NOBRE, Domingos Barros; VECCHIA, Anna Beatriz Albuquerque; OLIVEIRA, Carolina Miranda de. **Ensino de História na Educação Escolar Indígena e seus Conceitos Integradores**. Revista Transversos, [S.L.], n. 18, p. 151-170, 27 abr. 2020. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/transversos.2020.49768>.

OLIVEIRA, Luiz Antonio de; NASCIMENTO, Rita Gomes do. Roteiro para uma história da educação escolar indígena: notas sobre a relação entre política indigenista e educacional. **Educação & Sociedade**, [S.L.], v. 33, n. 120, p. 765-781, set. 2012.

OLIVEIRA, Rogério Nazário de. Educação Indígena, Atendimento Educacional Especializado e a Pandemia Da Covid-19: Reflexões Sobre os Desafios Atuais. **Congresso Internacional e Congresso Nacional Movimentos Sociais & Educação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 1-16, 25 out. 2021. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/cicnmse/article/view/10038>. Acesso em: 03 maio 2022.

PINHO, Vilma Aparecida de; SILVA, Verusa Almeida da; RODRIGUES, Eglen Silvia Pipi. **Educação Intercultural No Ensino De História E Cultura Indígena Em Tempos De Pandemia Da Covid-19**. Revista da Faeeba - Educação e Contemporaneidade, [S.L.], v. 31, n. 67, p. 341-363, 17 ago. 2022. Revista da FAEÉBA. <http://dx.doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.v31.n67>.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma história prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (org.). História na sala de aula. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 17-48.

SILVA, Edson. O ensino de História Indígena: possibilidades, exigências e desafios com base na Lei 11.645/2008. **Revista História Hoje**, Recife, v. 2, n. 1, p. 213-22, 2012.

TURRIANI, Anna. Desproposições para a recuperação e reconstrução de memória coletiva. In: TURRIANI, Anna; LANARI, Laura (org.). MARGENS CLÍNICAS: DISPOSITIVOS DE ESCUTA E DESFORMAÇÃO. São Paulo: Iser, 2018. p. 1-166.

VIEIRA; SECO, (2020). **A Educação no contexto da pandemia de COVID-19: uma revisão sistemática de literatura**. Brazilian Journal of Computers in Education (Revista Brasileira de Informática na Educação - RBIE), 28, 1013-1031. DOI: 10.5753/RBIE.2020.28.0.1013

## ANEXO

### QUESTIONÁRIO

NOME:

SÉRIE/ANO:

Descreva o que você achou do projeto “fortalecendo a cultura”.

Dê uma sugestão para um projeto que possa ser trabalhado dentro ou fora da sala de aula.

De 0 a 10, avalie a disciplina de história administrada pelo professor em sala de aula.

Você como aluno indígena, se vê representado nas aulas de história do professor?

Você como aluno indígena, se vê representado nos livros didáticos de história?

No período de alto contágio do novo corona vírus, a sua escola ficou fechada por quanto tempo?

Nesse período, a escola desenvolveu alguma atividade com você? Se sim, como?

Você sentiu dificuldade com as atividades?

Você sente dificuldades nas aulas do professor que você não sentia antes da pandemia do novo corona vírus? Se sim, quais?

Dê sua sugestão em que poderia melhorar nas aulas de história administrada pelo professor.